

Projeto 79

Poéticas audiovisuais ameríndias: imagens sobre indígenas na perspectiva de mulheres cineastas indígenas

Cód/Nome	79- Poéticas audiovisuais ameríndias: imagens sobre indígenas na perspectiva de mulheres cineastas indígenas
Orientador	Joana Brandão Tavares
Campus	CPF
Area	Atividades acadêmicas (ensino/pesquisa/extensão) - ÊNFASE NA PESQUISA
Vagas	1
Email	joana.brandao@ufsb.edu.br

Resumo do Projeto.

Esta pesquisa visa compreender imagens construídas por mulheres indígenas na produção audiovisual de sua autoria, a partir da análise de obras de cineastas indígenas brasileiras, para compreender as expressões dessa trajetória na narrativa fílmica, assim como são forjadas representações sobre cultura, identidade e gênero no cinema das mulheres indígenas. Uma revisão bibliográfica interdisciplinar contempla a pesquisa, envolvendo análise fílmica, teorias do cinema e cinema indígena, feminismo e antropologia.

Atividades dos bolsistas

Leitura de bibliografia especializada na área do cinema indígena e cinema sob uma perspectiva feminista, desenvolvendo a habilidade interpretação e compreensão crítica das principais teorias sobre o tema, assim como capacidade de dialogar com os conceitos ao analisar obras cinematográficas. A transcrição dos debates fornecerá a capacidade de realizar análise de conteúdo de uma entrevistada, assim como relacionar as categorias da análise com a referência bibliográfica utilizada. A realização de um mapeamento de filmes e suas temáticas ajudará a aprimorar conceitos do âmbito dos

estudos cinematográficos de gênero, a partir de um recorte temático interseccional e intercultural ao compreender criticamente o universo temático das obras catalogadas; por fim, a escrita do artigo acadêmico fornecerá ao estudante a capacidade de dialogar criticamente com o corpo teórico e realizar uma análise do corpo empírico da pesquisa, através de um texto argumentativo e consistente.

Atividades semanais

Transcrever entrevistas realizadas com cineastas mulheres indígenas em debates públicos e encontros realizados no contexto do evento de extensão Amotara - Olhares das Mulheres Indígenas (2a. Edição); Catalogar e assistir os filmes de cineastas indígenas brasileiras exibidos no evento de extensão Amotara - Olhares das Mulheres Indígenas (2a. Edição), envolvendo, esporadicamente, fazer o contato com as cineastas para ter acesso aos filmes; Realizar análise da obra das cineastas compreendendo os principais recortes temáticos e abordagem na obra destas cineastas, em especial como a agência feminina se faz presente nas narrativas e construção dos filmes; Leitura de bibliografia da pesquisa que envolve análise fílmica, teorias do cinema e cinema indígena, feminismo e antropologia; Produção de um artigo científico a ser publicado em evento acadêmico e/ou revista especializada da área sobre pesquisa, a partir da correlação entre leitura da bibliografia e entrevistas.

1. Introdução/Apresentação:

As populações indígenas brasileiras têm sido historicamente invisibilizadas ou estereotipadas por narrativas que carregaram perspectivas coloniais. Diante de um histórico de imagens enviesadas, na década de 1970 começam a surgir projetos de apropriação indígena na produção da imagem. O primeiro registro de experimento de apropriação indígena de vídeo foi publicado, em 1972, no livro "Through the Navajo Eyes", em que consta o processo de ensino de audiovisual para seis indígenas Navajos realizado pelos cineastas e antropólogos Sol Worth e John Adair (1997). O trabalho, pioneiro no campo da Antropologia Visual, busca refletir sobre como se dá a percepção e produção da imagem para além dos esquemas culturais. Em 1979, na Austrália, como uma expressão de uma tendência de produção participativa de cinema, a indígena da etnia Muruwari, Essie Coffey, lançava o primeiro filme dirigido por uma mulher indígena, denominado "My Survival as an Aboriginal" (GINSBURG, 1991, p. 94), também pioneiro na produção indígena daquele país. No esteio desse protagonismo, mais recentemente mulheres brasileiras têm despontado nacional e internacionalmente como cineastas. Torna-se necessário compreender a mensagem artística e cosmopolítica do cinema por elas produzido.

2. Justificativa:

Torna-se necessário compreender como se dá o fazer fílmico das mulheres cineastas indígenas, em relação com suas trajetórias de vida, seu pertencimento cultural e suas militâncias artísticas/políticas referente às suas identidades e povos. Ao lançar um olhar inicial para a produção de algumas cineastas mulheres, como Patrícia Ferreira, da etnia Mbyá- Guaraní; Suely Maxacali, Glicéria Tupinambá, Larissa Tukano e Pateani Huni Kuin, outras no contexto nacional, e tantas mais na América Latina, muitas questões surgem à mente: o que buscam contar essas mulheres? O que as motivaram, em seus horizontes pessoais, e quais caminhos precisaram fazer para se tornarem cineastas? Como suas subjetividades se relacionam com o devir político indígena neste fazer artístico? Quais características moldam o fazer fílmico indígena, e o das mulheres indígenas? Como as circunstâncias de gênero que perfazem suas vidas influenciam

suas trajetórias como artistas, e transbordam para a tela? E muitas outras que motivam o urdir esta pesquisa.

3. Objetivo Geral:

Investigar, a partir de uma perspectiva de gênero, as obras das cineastas mulheres indígenas exibidas na 2a. edição da Mostra Amotara - Olhares das Mulheres Indígenas

3.1 Objetivos Específicos:

1. Compreender sentidos e representações sobre cultura, identidade e gênero forjados nos filmes exibidos na 2a. Edição da Mostra Amotara; 2. Compreender a forma como as mulheres indígenas entendem a sua própria produção cinematográfica 2. Aplicar uma perspectiva crítica de gênero na teoria cinematográfica à análise da produção audiovisual de mulheres indígenas cineastas;

4. Metodologia:

A metodologia desta pesquisa está dividida em três etapas: revisão de bibliografia interdisciplinar, análise de conteúdos de entrevistas e debates com a presença de mulheres indígenas e análise fílmica da produção audiovisual das mulheres indígenas. A parte teórica desta metodologia é apresentada a seguir. A análise fílmica é desenvolvida a partir de referenciais ancorados nos estudos do cinema, entre eles Aumont e Marie (2003) e Penafria (2009). Em uma interseção com a antropologia, a obra de De France (1998, 2000) é emblemática para orientar metodologicamente este trabalho. Também análises já realizadas de filmes indígenas servem de referência entre elas, as desenvolvidas por Belisario e Alvarenga (2015), Alvarenga (2016), Tugny (2015), Caixeta de Queiroz (2004, 2008), Caixeta de Queiroz e Diniz (2013) e Andre Brasil (2016). No âmbito da revisão de bibliográfica, parte-se de uma revisão teórica interdisciplinar para abarcar as diversas dimensões da temática: representação imagética, cinema, gênero e populações indígenas, feminismo e populações indígenas, interculturalidade. Estudos sobre representação imagética, incluindo de cinema documentário, visam fundamentar a compreensão dos processos artísticos e formais presentes nos cinema de autoria de mulheres indígenas, viabilizando realizar a análise fílmica de algumas dessas obras. As teorias de gênero e feministas, incluindo reflexões da antropologia feminista, viabilizam construir uma perspectiva de gênero que seja adequada para estudos interculturais. A seguir pormenoriza-se a bibliografia de cada área. Sobre teorias imagéticas de forma geral, reflexões de autores como Grombrich (2007), Shohat e Stam (2006), Comolli (2008) e Aumont (1995) apontam algumas direções. A metodologia de análise fílmica é baseada no método desenvolvido por Aumont e Marie (2009) e explicitado por Penafria (2009). Sobre relação da antropologia com imagem, a coleção de artigos organizada por Novaes et al (2004) apresenta uma revisão geral pertinente à questão, e os textos de Mead (2003), Piault (2002) e MacDougall (1997) e Hernandéz (1985) são centrais na relação entre antropologia e cinema. O trabalho de Caiuby Novaes (1993) sobre a construção de uma autoimagem que passa pelo outro entre indígenas bororo é referencial ao se pensar autorepresentação indígena. Sobre cinema indígena existe uma produção já considerável tanto no contexto nacional, como internacional, que aborda além do mais relatos de experiências e reflexões metodológicas para oficinas de audiovisual em comunidade indígenas. Alguns trabalhos centrais são os textos escritos pelo

cinasta Vincent Carelli (1993, 1995, 1998, 2004) e Carelli et al (2006) a partir de sua experiência como fundador do projeto Vídeo nas Aldeias, também outros produzidos em parceria com a antropóloga Dominique Gallois (1992, 1995a, 1995b). Outros textos do catálogo do VNA trazem questões importantes, como os de Bernardet (2004), Corrêa (2004) e Escorel (2006). Pesquisas precedentes a esta aqui, no contexto brasileiro, sobre cinema indígena são também referência: Brasil (2012, 2013), Caixeta de Queiroz (2008), Fausto (2006), Belisário e Alvarenga (2015), Belisário (2018). Dissertação recente (PINHEIRO, 2017) sobre trajetória da cineasta indígena Patrícia Ferreira é uma bússola para esta pesquisa. Em um contexto internacional, menção necessária ao pioneiro projeto “Through Navajo eyes”, que originou livro do mesmo nome, ainda na década de 1970, sobre apropriação da produção audiovisual pelos povos Navajo (WORTH, ADAIR, 1995). Faye Ginsburg (1991, 1993, 1994a, 1994b), ao lado de Turner (1993), foram uns dos primeiros autores a escrever sobre cinema e mídia indígena. Turner relata sua experiência com os Kaiapó. Ginsburg dialoga mais com produções canadenses e australianas, mas ainda assim introduz conceitos que vêm a se tornar centrais no estudo da produção audiovisual indígena em diversos países. Ginsburg, Abu-lughod e Brian Larkin (2002) apresentam um panorama recente da produção em vídeo de povos nativos dos Estados Unidos, Austrália e Amazônia.

5. Resultados Esperados:

- reflexões teóricas consistentes sobre produção audiovisual ameríndia de mulheres e análise de obras audiovisuais das realizadoras indígenas; - Publicação de artigo sobre a temática

6. Referências:

ALVARENGA, Clarisse. Por uma pedagogia do cinema com os Mbya Guarani. In: Encontro da Sociedade Brasileira de Cinema e Audiovisual, 2017, Curitiba. Anais de textos completos do XX Encontro da Socine. São Paulo: Socine, 2016. v. 1. p. 213-220.

ALVARENGA, Clarisse; BELISARIO, Bernard. . O cinema-processo de Vincent Carelli em Corumbiara. In: VEIGA, Roberta; MAIA, Carla; GUIMARÃES, Victor. (Org.). Limiar e partilha: uma experiência com filmes brasileiros. 1ed. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2015, v. 1, p. 72-98.

BERNARDET, Jean-Claude. Vídeo nas aldeias, o documentário e a alteridade. Catálogo Mostra Vídeo nas Aldeias. 2004. BOSI, Eclea. Memória e sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 418p.

BOURDIEU, Pierre (org.). A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL, André. Caçando capivara: com o cinema-morcego dos Tikmu'un (Maxakali). In. XX Encontro Socine, Anais. 2016.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. Cineastas indígenas e pensamento selvagem. Devires (UFMG), v. 5, p. 98-125, 2008.

_____. Política, Estética e Ética no Projeto Vídeo nas Aldeias. Catálogo da Mostra Vídeo nas Aldeias Um Olhar Indígena, 2004.

CAIXETA DE QUEIROZ, RUBEN; DINIZ, Retana Otto. Cosmocinepolítica tikmun- maxakali: ensaio sobre a invenção de uma cultura e de um cinema indígena (Dossiê Olhares Cruzados). GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia, v. 3, p. 63-105, 2018.

CARELLI, Vincent. Moi, un Indien. Catálogo Mostra Vídeo nas Aldeias. 2004. Disponível em: https://issuu.com/videonasaldeias/docs/cat_logos_vna_2004_-_completo2. Acesso em: 08 de outubro de 2017.

CÉSAR, Amaranta. Tradição (re)encenada: o documentário e o chamado da diferença. Revista Devires. Belo Horizonte, v.9, n.1, p 86-97. jan/jun 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v.10, n.1, p.171-188. 2002.

FIDELIS, Cid; MARQUES, Márcia. O indígena no cinema documental. In. Anais: 3o Encontro Centro-Oeste de História da Mídia. Campo Grande/MS, 2016.

FRANCE, Claudine de. Cinema e Antropologia. Trad. Marcius S. Freire, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1998. _____.'Antropologia Fílmica – Uma Gênese

difícil, mas promissora'. In: Do filme etnográfico à antropologia fílmica. Trad. Marcius S. Freire. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2000. FREIRE, José Ribamar Bessa. A herança cultural indígena, ou cinco ideias equivocadas sobre os índios. In. ARAUJO, Ana Carvalho; CARVALHO, Ernesto I.; CARELLI, Vincent. Cineastas indígenas: um outro olhar: guia para professores e alunos. Olinda, PE: Vídeos Nas Aldeias, 2010. p. 17-33. FROTA, Mônica. Taking Aime a Aldeia Global: A Apropriação Cultural e Política da Tecnologia de Vídeo pelos Índios Kayapós. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/osbrasisindigenas/frota.htm>, Acesso em 30 de junho de 2018. GINSBURG, Faye. Indigenous Media: Faustian Contract or Global Village?. In. Cultural Anthropology, Vol. 6, No. 1, 1991, pp. 92-112. HARDING, Sandra. Strong objectivity and socially situated Knowledge. In: HARDING, Sandra. Whose Science? Whose knowledge? New York: Cornell University Press, 1991. _____ . Rethinking Standpoint Epistemology: What is Strong Objectivity? ". IN: KELLER, Evelyn Fox & LONGINO, Helen E, (eds.), Feminism & Science, Oxford: Oxford University Press, 1996, pp. 235-248. HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", Cadernos Pagu, (5), 1995. HARSTOCK, Nancy. The Feminist Standpoint: developing the ground for a specifically feminist historical materialism. IN: S. Harding (ed.), Feminism & Methodology. Bloomington, Indiana: Indiana: Open University Press, 1987, pp.: 157-180. LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. (2012) Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/231452/Ra%C3%A7a-e-Hist%C3%B3ria-L%C3%A9viStrauss.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2018. MARTINS, Carla L. M. Sob o risco do gênero: clausuras, rasuras e afetos de um cinema com mulheres. 2015. 285 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. McCALLUM, Cecília. Gender and Sociality in Amazonia: How real People are Made. Oxford: Berg, 2001. 198p. PEREIRA, Eliete da S. Ciborgues Indígen@as.br: a presença nativa no ciberespaço.(169f.) Dissertação de Mestrado (Centro de Pesquisa e Pós-graduação das Américas, Instituto de Ciências Sociais), Universidade de Brasília, Brasília, 2007. GINSBURG, Faye; Abu-lughod, Lila; LARKIN, Brian (org.). Media Worlds: anthropology on new terrain. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 2002. PAREDES, Julieta, GUZMAN, Adriana. ¿ Qué es el Feminismo Comunitario? Bases para la despatriarcalización. 2a. Ed. Mujeres Creando Comunidad, 2019. SMITH, Dorothy. A perspectiva das mulheres como uma crítica radical à sociologia. Mimeo. ("Women's Perspective as a Radical Critique of Sociology", IN: S. Harding (ed.). Feminism & Methodology. Bloomington, Indiana: Indiana: Open University Press, 1987, pp.: 84-96. Tradução de Maurício, revisão de Cecilia M. B. Sardenberg.) STRATHERN, Marylin. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. Mediações, Londrina, v. 14, n. 2, p. 83-104, jul/dez. 2009. TAVARES, J. Ciber-informações nativas: Uma análise da circulação da informação dos Cibermeios de autoria de povos indígenas Residentes no território brasileiro (2005- 2012). Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. TUGNY, R. P.. Filhosimagens: cinema e ritual entre os Tikmu?un. Revista Devires, v. 11, p. 154-179, 2015. TURNER, Terence. Imagens desafiantes: A apropriação kaiapó do Vídeo In Revista de Antropologia (USP), V. 36, 1993. WORTH, Sol; ADAIR, John. Through Navajo eyes. Albuquerque: University of New Mexico Press. 1997.